

AValiação DO CONHECIMENTO DE ENFERMEIROS SOBRE BIOSSEGURANÇA E SUA APLICAÇÃO EM SERVIÇOS DE SAÚDE.

Maria Maiara da Silva Martins¹, Mirtes de Oliveira Costa², Nené Inturé³, Edmara Chaves Costa⁴, Erika Helena Salles de Brito⁵

Resumo: Biossegurança é definida como um conjunto de ações voltadas para a prevenção, minimização ou eliminação de riscos inerentes às atividades de pesquisa, produção, ensino, desenvolvimento tecnológico e prestação de serviços, riscos que podem comprometer a saúde do homem, dos animais, do meio ambiente ou a qualidade dos trabalhos desenvolvidos na área da saúde, sendo os principais riscos aos quais os trabalhadores em saúde estão expostos os riscos biológico, químico e físico. Diante do conhecido risco laboral existente na área da saúde, normas regulamentadoras foram desenvolvidas e descrevem as boas práticas de biossegurança; elas citam ainda a necessidade de educação continuada, no entanto, muito do que há descrito na legislação não é seguido por parte dos trabalhadores, de forma que estes colocam a própria saúde em risco, a dos pacientes e do meio ambiente, sendo estes acidentes subnotificados. Diante do exposto, o presente projeto busca avaliar a adesão às práticas de biossegurança por parte dos profissionais de enfermagem de municípios que fazem parte do maciço de Baturité, e o conhecimento destes sobre o tema. Para isso, foram realizados encontros com os enfermeiros, onde os profissionais foram convidados a assinar o TCLE e participar da pesquisa através de oficinas dialogadas. No total participaram 28 Enfermeiros de 5 municípios que discorreram sobre os acidentes que já sofreram, as medidas de biossegurança adotadas por eles, entre outras questões. Além de avaliar, detectar e escrever possíveis erros nas práticas de biossegurança apresentadas em uma dramatização, bem como apresentar soluções para os mesmos. Após análise de dados, conclui-se que acidentes, como os com perfurocortantes pelo reencape de agulhas, continuam acontecendo, acidentes que podem ser decorrentes do excesso de trabalho, falta de ações de educação continuada envolvendo o tema biossegurança e não compromisso da gestão com o tema, segundo os participantes.

Palavras-chave: Biossegurança, Enfermeiros, Acidentes.

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências da Saúde, e-mail: maiaramartins03@hotmail.com

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências da Saúde, e-mail: mirtesoliveiracosta@hotmail.com

³ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências da Saúde, e-mail: verinhainture@gmail.com

⁴ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências da Saúde, e-mail: edmaracosta@unilab.edu.br

⁵ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências da Saúde, e-mail: erika@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

Inúmeros são os benefícios que o desenvolvimento e os avanços tecnológicos e biotecnológicos na área da saúde trazem, melhorando a qualidade de vida de milhares de seres humanos, no entanto, a ciência que oferece tantas vantagens, pode apresentar danos a todas as formas de vida, resultando em problemas de saúde pública, isto se não forem tomadas as devidas precauções e cuidados na utilização dos recursos tecnológicos e biotecnológicos disponíveis. A biossegurança entra como importante arma na prevenção de tais riscos.

Biossegurança pode ser definida como um conjunto de ações voltadas para a prevenção, minimização ou eliminação de riscos inerentes às atividades de pesquisa, produção, ensino, desenvolvimento tecnológico e prestação de serviços, riscos que podem comprometer a saúde do homem, dos animais, do meio ambiente ou a qualidade dos trabalhos desenvolvidos (Costa, 2005).

Existem, na atualidade, um conjunto de Normas Regulamentadoras que tratam do tema biossegurança. Dentre elas a Norma Regulamentadora número 32 (NR 32) tem por finalidade agrupar o que já existe no país em termos de legislação e estabelecer as diretrizes básicas para a implementação de medidas de proteção à segurança e à saúde dos trabalhadores dos serviços de saúde. Sendo o conhecimento e execução da NR-32 pelos profissionais envolvidos nos processos de saúde, indispensável, pois influencia diretamente a administração adequada dos riscos, resultando na minimização máxima das infecções oriundas deste contexto empresarial (Ministério do Trabalho e Emprego, 2005; Soares et al., 2015).

A necessidade de difusão dos conhecimentos técnicos/científicos sobre biossegurança em serviços de saúde é clara, pois a prevenção e redução de danos contribui para sustentabilidade de todas as formas de vida, tendo como base a legislação vigente acerca do tema, a ética da responsabilidade, o conhecimento científico e o senso comum, resultando em uma qualidade de vida mais positiva, tanto para os clientes externos, quanto para os internos (Paula e Silva e Juliani, 2014).

Diante do exposto, o objetivo do presente trabalho foi investigar saberes e práticas sobre biossegurança junto a enfermeiros vinculados aos serviços de saúde, bem como, situações de risco a que estes trabalhadores estão expostos e a adesão dos mesmos às normas de biossegurança.

METODOLOGIA

A presente pesquisa realizou-se junto às Secretarias de Saúde de 5 municípios que fazem parte da região do maciço do Baturité. A amostra foi adotada a partir do método não probabilístico de seleção racional. Sendo assim, a amostra do presente trabalho foi composta pelo total de profissionais enfermeiros, vinculados ao serviço de Saúde dos municípios mencionados, que se fizeram presentes no momento reservado para os encontros. Participaram também 2 gestores por município, perfazendo um total de 10 gestores, sendo estes 5 secretários de saúde, 5 coordenadores dos enfermeiros.

O trabalho foi realizado de maio de 2015 a abril de 2016 e contemplou um total de 28 profissionais de enfermagem.

A coleta de dados se deu através de visitas realizadas junto às secretarias de saúde dos municípios participantes, com o diálogo sobre os objetivos do projeto e as ações para execução. A equipe executora, então, se reuniu com o secretário de saúde de cada município e com representantes dos Enfermeiros em rodas de conversa que foram direcionadas por meio de um roteiro, no qual dentre os assuntos abordados estavam: dificuldades e facilidades no acompanhamento dos profissionais enfermeiros às práticas de biossegurança, o conhecimento

dos mesmo sobre o tema, a ocorrência de acidentes ocupacionais, entre outros. As rodas de conversa foram gravadas e todos os gestores foram convidados a assinar o TCLE.

Durante o encontro com os profissionais enfermeiros, foi realizada uma apresentação intitulada “Biossegurança e o exercício da enfermagem”, onde no decorrer da mesma, os profissionais enfermeiros (as) foram estimulados a falar sobre a legislação vigente acerca de biossegurança e serviços de saúde, em especial a NR-32, os riscos aos quais os profissionais estão expostos, seus direitos e deveres e a importância do tema na promoção da saúde coletiva e individual, o descarte dos resíduos sólidos, bem como os possíveis acidentes ocupacionais que já sofreram.

Ao final de cada apresentação, foi realizada uma dramatização com a participação do aluno bolsista e discentes do curso de Enfermagem da UNILAB, abordando práticas de biossegurança que devem ser desempenhadas corriqueiramente por estes profissionais. Os (a) enfermeiros (a) presentes avaliaram, detectaram e escreveram possíveis erros nas práticas de biossegurança apresentadas na dramatização, bem como apresentaram soluções para os mesmos. Mas antes disso, estes foram convidados a participar da pesquisa e assinaram o TCLE. Todo o encontro foi gravado, tendo uma duração de aproximada de 120 minutos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente foram realizadas as rodas de conversa com os gestores que destacaram a importância de considerar a temática, trazendo dados atuais e despertando o interesse para a necessidade da inclusão de outros públicos a serem alcançados por essas ações voltadas para o contexto das unidades saúde e das práticas domiciliares.

Vale ressaltar que todos os gestores mencionaram que as atividades de educação continuada acontecem, mas são realizadas de acordo com as necessidades que vão surgindo e biossegurança não é um tema trabalhado. Dado este que é confirmado por CUNHA e MAURO (2010), que afirmam em seu trabalho que os profissionais de enfermagem não recebem nenhum tipo de treinamento sobre biossegurança antes do início de suas atividades. Os resultados são os acidentes de trabalho descritos em alguns municípios, onde profissionais se acidentaram ao tentarem reencapar agulhas e os inúmeros riscos que envolvem não só a vida dos profissionais, mais ainda os clientes e conseqüentemente o meio ambiente.

Em um dos municípios participante, todos os enfermeiros destacaram não ter conhecimento de onde seria o local de disposição final dos Resíduos Sólidos em Saúde produzidos no município. ERDTMANN (2004) afirma que a política de Gerenciamento dos Resíduos Sólidos deve ser de conhecimento dos gestores e dos demais profissionais envolvidos na prestação de cuidados.

Quanto ao uso das medidas de proteção individual, uma profissional destacou: “falta conhecimento da população também, que acha que a gente usa uma máscara, uma luva porque está com nojo deles”. De acordo com SILVA e JULIANE (2014), a baixa adesão ao uso dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI) sofre influência de aspectos comportamentais, tais como o desconforto durante o uso, por parte dos profissionais e pacientes, e a dificuldade para realizar determinados procedimentos.

Segundo GALLAS (2010), o recomendável é que o trabalhador proteja-se sempre, e não somente quando tiver contato com material biológico e, também, durante a assistência cotidiana aos pacientes, independente de conhecer o diagnóstico ou não, utilizando-se, portanto, das precauções universais padrão.

Os acidentes já sofridos pela categoria, foram quedas, perfuração com agulhas e uma profissional relatou ter hérnia de disco e a doença foi agravado pelo fato de percorrer longos caminhos acidentados durante as visitas domiciliares.

Os enfermeiros frisaram o excesso de atividades realizadas por eles na assistência e como gestor da unidade. Uma enfermeira afirma: “Na atenção básica o enfermeiro é tudo, ele é quem solidifica, é a base, sem ele nada funciona, tudo é com o profissional enfermeiro, sem ele a atenção para. A parte do gestor também, eu poderia estar ali como enfermeiro, na parte assistencial mesmo, mas acontece que existe uma necessidade de gerenciar, se não for assim, para a unidade, mais enfim”.

Quando se questionou sobre as medidas de segurança, uma profissional destacou: “Eu acho que vocês deveriam vir depois com essa mesma apresentação para os gestores sabe? A nível de secretário de saúde, de coordenação, porque as vezes, muito do que a gente acaba por não fazer dentro do posto de saúde, é por falta de condição que não é dada, falta uma luva para o serviço de limpeza que eu sei que ela precisava e eu não posso dar, as vezes até o descarte do material que eu sei que poderia ser melhor, mais eu como enfermeira não posso fazer mais do que eles me dão, entendeu? Então além de sensibilizar a gente como profissional que a gente já sabe disso aí, que tal sensibilizar à nível de gestor mesmo, de secretário, coordenação, de prefeito, que são as pessoas que dão pra gente a condição de fazer alguma coisa melhor”.

Falando sobre os riscos e o ambiente de trabalho citaram não haver ar condicionado, o repouso é inadequado, entre outros fatores. “Isso contribui para adquirir algum tipo de doença, quando você passa 24, 36 horas de plantão, o corpo vai responder né? E quando você chega em casa, você não consegue relaxar, continua funcionando, o corpo interligado ao cérebro direto, fica sonhando, pensando no paciente e não temos um piso”, desabafou outra enfermeira. Sua fala pode ser compreendida no trabalho de BRAND e FONTANA (2014), que destacam que a rotina de trabalho em estabelecimentos de saúde leva os profissionais a adquirirem doenças graves, e esse fato exige que o trabalhador esteja atento às normas de biossegurança para garantir a proteção da sua saúde.

Alguns enfermeiros relataram ter conhecimento básico sobre Biossegurança adquirido apenas na graduação: “Que bom que vocês trouxeram esse conhecimento pra gente, porque a gente aprende na academia, mas acaba virando rotina, a gente esquece, faltam recursos e na prática é tudo muito complexo, mais chamar a nossa atenção quanto a isso tudo é muito gratificante porque a gente entre a gente mesmo não discuti muito não. E seria plausível se vocês fizessem um trabalho assim para os técnicos e auxiliares de enfermagem também”, ressaltou uma enfermeira presente. CUNHA E MAURO (2010) destacam que existem problemas na formação e no exercício dos profissionais na área da saúde, onde estes devem ser situados no contexto político-econômico e social, sendo necessário mudanças curriculares, organizacionais, reestruturações das práticas, bem como o engajamento nas lutas por condições mais favoráveis de trabalho.

Ao final das dramatizações, todos os profissionais conseguiram identificar os erros apresentados, dentre eles: não adesão ao uso de EPIs, descarte inapropriado de material biológico, reencapamento de agulhas, entre outros. Todos os profissionais afirmaram conhecer a importância da utilização dos EPIs, no entanto destacaram que a falta de recursos materiais dificulta a adesão dessa medida de segurança. Uma profissional afirmou: “Sobre a questão de não usar EPIs, a gente sabe que tem que usar, mas se não tem? O que é que a gente faz? Porque agora vocês são acadêmicos, e na teoria tudo é muito bonitinho como vocês trazem aí, mais quando vocês estiverem na prática vão ver que não é assim. A gente não tem e quando tem, é uma caixa de luva pro mês todo, como é que eu vou fazer para poupar aquilo dali? Eu tenho que me virar e correr risco, em todos os lugares está assim, eu vou trabalhar onde?”

CONCLUSÕES

Diante dos relatos dos enfermeiros, percebe-se que há uma complementariedade dos fatores condicionantes da não utilização dos meios necessários para o cotidiano da prática profissional de forma segura. Os profissionais demonstram ter noção dos perigos aos quais se expõem, outros demonstraram interesse pelo assunto, destacando nunca terem tido capacitações sobre o tema. O ponto comum entre esses profissionais, é que todos ressaltam a falta de materiais básicos e o descumprimento das normas mencionadas por outros servidores tais como os médicos e os gestores, por exemplo. Através dos relatos constatou-se a ocorrência de acidentes de trabalho com perfurocortantes.

Este trabalho ofereceu momentos para que o profissional da enfermagem refletisse sobre a biossegurança individual, bem como, acredita-se que, diante dos resultados obtidos, estes confrontem suas crenças e saberes sobre o tema, para que assim, possam difundir, adotar e exigir medidas que diminuam os indicadores de adoecimento decorrentes de agravos relacionados a ocupação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX), a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPPG), aos municípios participantes, à coordenadora e vice coordenadora e a todos que direta ou indiretamente contribuíram para o sucesso desta ação.

REFERÊNCIAS

COSTA, M.A.F. **Construção do Conhecimento em Saúde: estudo sobre o ensino de biossegurança em cursos de nível médio da área de saúde da Fundação Oswaldo Cruz.** Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Biociências e Saúde, Instituto Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, RJ, 2005.

Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil (BR). Norma Regulamentadora nº. 32. Segurança e Saúde no Trabalho em Estabelecimentos de Saúde. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2005.

SOARES, M. K. P., FERNANDES, S. L. S. A., BARROS, V. R. P. **Aplicabilidade da norma regulamentadora 32 por profissionais da saúde no controle de acidentes biológicos: revisão integrativa.** REVASF, v. 5, n. 9, p. 55-69, 2015.

PAULA E SILVA L. C., JULIANI, C. M. C. M. **Biossegurança e risco ocupacional na atenção primária: revisão integrativa da literatura.** Revista da Universidade Vale do Rio Verde, v.12, n.1, p.262-281, 2014.

CUNHA, A. C.; MAURO, M. Y. C. **Educação Continuada e a Norma Regulamentadora 32: utopia ou realidade na enfermagem?** Rev. bras. Saúde ocup. São Paulo, 2010.

ERDTMANN, B. K. **Gerenciamento dos resíduos de serviço de saúde: Biossegurança e o controle das infecções hospitalares.** Texto Contexto Enferm, v.13, p. 86-93, 2004.

GALLAS S. R., FONTANA R. T. **Biossegurança e a enfermagem nos cuidados clínicos: contribuições para a saúde do trabalhador.** Revista Brasileira de Enfermagem, v.63, n.5, p.786-92, 2010.

PAULA E SILVA L. C., JULIANI, C. M. C. M. **Biossegurança e risco ocupacional na atenção primária: revisão integrativa da literatura.** Revista da Universidade Vale do Rio Verde, v.12, n.1, p.262-281, 2014.

BRAND, C. I., FONTANA, R. T. **Biossegurança na perspectiva da equipe de enfermagem de Unidades de Tratamento Intensivo.** Revista Brasileira de Enfermagem, v.67, n.1, p. 78-84, 2014.